

A ESTAÇÃO MESOLÍTICA DO FORNO DA TELHA (RIO MAIOR)

por

Ana Cristina Araújo *

Resumo: Dá-se a conhecer os resultados do estudo do espólio proveniente das escavações realizadas por Manuel Heleno nos anos 30. A coleção é caracterizada sobretudo pela presença de micrólitos geométricos, entre os quais se destacam os triângulos com espinha dorsal, e apresenta semelhanças marcantes com as dos concheiros de Muge, nomeadamente com a do concheiro do Cabeço da Amoreira. É possível que a ocupação aqui documentada constitua parte integrante da rede de sítios arqueológicos relacionada com o sistema de subsistência centrado no estuário do Tejo, que floresceu entre cerca de 7500 BP e cerca de 6500 BP.

Palavras-chave: Mesolítico. Concheiro. Geométrico.

INTRODUÇÃO

A estação arqueológica do Forno da Telha¹ situa-se no concelho de Rio Maior, do lado direito da estrada Rio Maior-Caldas da Rainha, à entrada do canhão das Bocas onde se situa o conhecido Abrigo 1 ou Abrigo Grande das Bocas (Est. I, fig. 1). Descoberto por Manuel Heleno por volta de 1934, na altura em que procedia a trabalhos arqueológicos nesta última jazida, o sítio foi objecto de escavações entre 1938 e 1939, tendo revelado uma sequência estratigráfica em que foram observadas duas ocupações humanas diferenciadas. Os materiais exumados deram entrada nas reservas do Museu Nacional de Arqueologia, permanecendo até hoje inéditos. O historial deste sítio é relativamente bem conhecido, ao contrário da maior parte das estações escavadas por Manuel

* IPPAR, Dep^o de Arqueologia, Lisboa.

¹ CMP 1.25000 folha n^o339 (Serviços Cartográficos do Exército), 1970. Coord. Gauss: M-128050; P-264400.

Heleno, nomeadamente na região de Rio Maior, já que foi possível recuperar algumas das notas de campo, entre as quais um corte estratigráfico associado a algumas observações de natureza sedimentológica. As referências bibliográficas são praticamente inexistentes, embora Manuel Heleno tenha mencionado sumariamente este sítio, acentuando a sua importância no contexto do Epipaleolítico/Mesolítico português². As observações por ele tecidas dão-nos a imagem de um sítio aparentemente intacto e com estruturas conservadas, em que a primeira camada, de “terra encarniçada”, era atribuída a um contexto “Neolítico puro”, e a segunda, essencialmente de componente geométrica, a um contexto “Sauveterrense”.

1. CONDIÇÕES DE JAZIDA DOS MATERIAIS

Os materiais provenientes das escavações realizadas no sítio do Forno da Telha, encontravam-se depositados nas reservas do Museu Nacional de Arqueologia, dentro de contentores, na sequência das operações de pré-inventário realizadas a partir de 1980, na altura em que se procedeu à reorganização das colecções arqueológicas do Museu. Juntamente com estes materiais encontravam-se dois outros núcleos que apresentavam designações diferentes: Alto das Bocas II e Forno da Telha-Concheiro. Após a análise dos materiais e respectivo inventário, confirmou-se que estes dois contextos pertenciam à mesma jazida arqueológica do Forno da Telha. Com efeito, os códigos contidos nas etiquetas que acompanhavam as peças eram, quanto a esta situação, bem elucidativos: “Forno da Telha-Alto das Bocas II”; “Alto das Bocas II-Sopé do Monte”; “Alto das Bocas II-Estação do Forno da Telha”; e “Forno da Telha-Concheiro”. A natureza destas diferenças pode ser cronológica - utilização de códigos diferentes conforme o ano em que os materiais foram escavados - ou, então, espacial e/ou estratigráfica - consoante as áreas de escavação abertas.

Em relação ao primeiro caso, a análise da documentação existente levou-nos a considerar “Alto das Bocas II” como a designação correspondente à primeira campanha de trabalhos. Com efeito, entre 1936 e 1941, foi escavado um povoado Neo-Calcolítico situado nas proximidades (Est. I, fig.1), cujo espólio se encontra igualmente depositado no MNA. A esse povoado foi então atribuída a designação de Alto das Bocas. Por se situarem muito próximos um do outro, poderá ter sido utilizada de início uma mesma designação, correspondente ao topónimo local, apenas diferenciável pela utilização de uma numeração

² Heleno, M., *Um Quarto de Século de Investigação Arqueológica*, “O Arqueólogo Português”, Vol.III, 1956, pp. 228-229.

diferente: Alto das Bocas I e Alto das Bocas II. Com o decorrer dos trabalhos, seria então adoptado mais tarde um outro topónimo, o de Forno da Telha, passando a ser esta a designação conhecida e utilizada por Heleno nas posteriores campanhas de escavação.

Em relação ao segundo caso, parece-nos que a designação Forno da Telha-Concheiro poderá corresponder a uma zona bem diferenciada, de concentração de conchas de moluscos. Este fenómeno poderá ter ocorrido numa zona delimitada no seio da estação, ou em estratigrafia. O conjunto que apresentava esta designação, era composto por materiais líticos, alguma fauna (62 fragmentos), e um número bastante elevado de conchas, pertencentes principalmente à espécie *Cerastoderma edule*.

O inventário realizado preservou esta diferenciação dos materiais segundo as designações da época, sendo atribuído um número de complexo próprio a cada um dos três conjuntos (Quadro 1).

Por outro lado, o estudo do espólio revelou igualmente não existirem diferenças significativas quanto à tipologia e tecnologia dos materiais, optando-se por apresentar o estudo e tratamento estatístico destes três contextos em conjunto, assinalando contudo as especificidades existentes em cada caso, nomeadamente no que respeita aos artefactos que apresentam referências de proveniência espacial e estratigráfica bem definidas. Estes materiais são os únicos que, aparentemente, foram exumados obedecendo a um sistema baseado na abertura de unidades de escavação, designadas então por “Valas”.

A análise dos materiais com indicações de proveniência espacial conhecida não se revelou muito significativa. Apesar dos grupos tipológicos associados à 2ª camada ocorrerem de forma diferenciada conforme as valas em que foram exumados (na vala C, por exemplo, a razão utensilagem comum/micrólitos apresenta um valor muito superior ao verificado nas outras valas), não nos é possível controlar com rigor o significado destas observações.

Quanto aos materiais provenientes das camadas 3 e 4 do Forno da Telha, o seu estudo será apresentado num capítulo à parte. No entanto, podem desde já tecer-se algumas considerações. Como se pode observar no Quadro 3, a 2ª camada contém praticamente 82% dos materiais do contexto mesolítico do Forno da Telha.

QUADRO 1

Atribuição de complexos por áreas de escavação

CAMADA	FORNO DA TELHA VALA	COMPLEXO
1	C	987.77
1	D	987.78
1	D2	987.79
1	D3	987.80
1	D3+	987.81
1	E	987.82
1	Central	987.83
1	S/Ind.	987.84
2	C	987.85
2	D2	987.86
2	D5	987.87
2	E	987.88
2	A/Ind.	987.89
3	E	987.90
3	S/Ind.	987.91
4	C	987.92
4	D	987.93
Sem camada	S/Ind.	987.94
Concheiro	—	987.95

CAMADA	ALTO DAS BOCAS II VALA	COMPLEXO
1	—	987.118
2	—	987.119

QUADRO 2

Forno da Telha: contexto “Forno da Telha”
distribuição dos materiais por valas.

TALHÕES	Núcleo e fragmentos	Debitagem	Preparação	Utensílios			TOTAL
				1	2	3	
Vala C	10	116	5	16	1	—	148
Vala D2	9	88	4	3	1	4	109
Vala E	3	29	—	3	3	9	47
S/ Indicação	9	60	2	4	12	7	94

(1 - Utensilagem de fundo comum; 2 - Utensilagem microlítica; 3 - Micrólitos geométricos)

Não deixa de ser significativo, por outro lado, o facto de os materiais virem a decrescer no sentido topo - base, nomeadamente no que diz respeito aos utensílios e, dentro destes, às formas microlíticas. O modo como os materiais

se distribuem em profundidade pode estar relacionado com os movimentos verticais naturais sofridos pelas peças. Por outro lado, e apesar da exiguidade da amostra, o estudo destas duas camadas não revelou diferenças em relação aos restantes materiais.

QUADRO 3
Forno da Telha: contexto “Forno da Telha”
distribuição dos materiais por camadas.

TALHÕES	Núcleo e fragmentos	Debitagem	Preparação	Utensílios			TOTAL
				1	2	3	
1	31	293	11	26	17	20	398
2	4	58	—	2	1	2	67
3	2	16	—	—	—	—	21

(1 - Utensilagem de fundo comum; 2 - Utensilagem microlítica; 3 - Micrólitos geométricos)

No sentido de relocalizar o sítio e perceber as condições de jazida dos materiais, foi realizada uma pequena campanha de prospecções na área, ao abrigo de um projecto mais vasto³, que visava fundamentalmente compreender o contexto geo-estratigráfico das colecções arqueológicas escavadas por Manuel Heleno na região de Rio Maior, e depositadas no MNA, e tentar encontrar ainda depósitos arqueológicos conservados que pudessem vir a ser escavados.

Os resultados foram escassos, já que a maioria das estações conhecidas na região de Bocas tinha sido completamente escavada. Nas proximidades do Forno da Telha, num local designado por Curral Velho, foi possível recuperar um triângulo de Muge e uma raspadeira afocinhada, certamente trazidos à superfície pelos trabalhos de plantação de eucaliptos aqui realizados por volta de 1985. O corte deixado pelos antigos trabalhos de escavação era ainda visível. Trata-se de um depósito de vertente situado junto a uma antiga linha de água, constituído por uma camada de argilas vermelhas coluvionares. Estas observações estavam de acordo com o perfil realizado por Heleno, onde eram então apresentadas duas unidades estratigráficas distintas: a primeira, de “terra encarniçada”, e a segunda, de “terra escura”, com “cinzas” (Est. I, fig. 2). Com efeito, os materiais da 1ª camada que estão conservados no MNA apresentam uma ganga e uma coloração avermelhada. O espólio é essencialmente composto por cerâmicas, uma grande percentagem com bordo denteado, uma abundante indústria lítica, onde estão presentes as pontas de seta, e alguma indústria óssea.

³ “Upper Pleistocene Adaptations in Portuguese Estremadura (100.000 - 10.000)” codirigido por João Zilhão e Anthony E. Marks.

Apesar de não ter sido realizado o estudo desta camada, o inventário dos materiais faz supôr que se está em presença de um contexto do Neolítico Final. A datação obtida sobre uma amostra de ossos provenientes desta camada (vala D3+), forneceu o seguinte resultado:

Ref. Laboratório	Anos BP	Delta C13	cal BC 1 σ	cal BC 2 σ
ICEN-734	4570 \pm 60	-20,98	3232-3180	3380-3090

Os materiais provenientes da 2ª camada apresentam uma ganga e coloração acinzentada, nomeadamente a fauna malacológica, e não foi encontrado qualquer elemento intrusivo no seu seio. Parece tratar-se pois de um contexto arqueológico aparentemente selado. As datações realizadas sobre conchas de berbigão (*cerastoderma edule*) provenientes do concheiro, forneceram os seguintes resultados:

Ref. Laboratório	Anos BP	Delta C13	Data ⁴ corrigida BP	cal BC 1 σ	cal BC 2 σ
ICEN-416 ⁵	7320 \pm 60	-1	7020 \pm 200	6080-5650	6226-5500
ICEN-417 ⁶	7360 \pm 90	-3,4	7060 \pm 210	6100-5669	6385-5540
Média	—	—	7040 \pm 145	6078-5740	6170-5630

O espólio, cujo estudo se apresentará de seguida, é constituído por uma indústria de características microlíticas, onde a componente geométrica é dominante, e por alguma fauna a ela associada (ver Rowley-Conwy neste volume).

2. CARACTERÍSTICAS GERAIS DA INDÚSTRIA

Como pode ser observado no quadro 4, onde são apresentadas as indústrias provenientes dos 3 contextos por categorias tecnológicas, o espólio lítico da jazida arqueológica do Forno da Telha, é constituído na sua totalidade por 1515 peças, 63% das quais pertencentes ao grupo da debitage. Os utensílios, num total de 461 peças, apresentam uma percentagem relativamente elevada, 30%. Este facto poderá estar relacionado com a forma como o espólio foi triado

⁴ Valores calculados através da subtracção de 300 \pm 190 anos que é a idade aparente calculada para as conchas do concheiro de Vale de Romeiras (Sado), em situação de ambiente francamente estuarino, idêntica à sugerida pela composição isotópica das conchas da amostra do Forno da Telha.

⁵ Fracção intermédia das conchas

⁶ Fracção interna das conchas

in loco, ou seja, poder ter existido uma selecção a posteriori dos materiais com base nas suas características morfo-tipológicas. Segundo informação do Sr. João Pedro dos Santos, que na altura participou nas escavações de Heleno na região de Rio Maior, os sedimentos eram crivados de forma sistemática. As distorções na representatividade de certas classes tecnológicas — como a baixa percentagem das esquirolas e das lascas no complexo “Alto das Bocas II” — devem assim resultar de uma conservação selectiva dos utensílios, dos núcleos e da debitagem laminar.

Continuando a análise das características gerais do espólio do Forno da Telha, talvez o aspecto mais importante e que melhor caracteriza a estação, seja o carácter microlítico da sua indústria lítica. Com efeito, e no que diz respeito à debitagem, o grupo das lamelas é o que aparece mais bem representado, chegando a atingir uma percentagem de 56% sobre o total dos materiais brutos. As lamelas são igualmente os suportes preferencialmente escolhidos para a confecção de utensílios, como pode ser verificado no quadro 5, onde são apresentados os índices de transformação calculados para esta indústria.

QUADRO 4

Forno da Telha: inventário geral. (a) Total parcial; (b) Total geral.

CATEGORIAS TECNOLÓGICAS	Forno da Telha			FT/Concheiro			Alto das Bocas II			Total	
	N	%a	%b	N	%a	%b	N	%a	%b	N	%b
Núcleos e frags.	31	7.79	2.05	5	4.81	0.33	33	3.26	2.18	69	4.55
Lascas	145	36.43	9.57	10	9.61	0.66	70	6.91	4.62	225	14.85
Lâminas	39	9.57	2.57	12	11.54	0.79	77	7.60	5.08	128	8.45
Lamelas	90	22.60	5.94	41	39.42	2.71	442	43.63	29.17	573	37.82
Esquirolas	19	4.77	1.25	3	2.88	0.20	10	0.99	0.66	32	2.11
Total	293	73.62	19.34	66	63.46	4.36	599	59.13	39.54	958	63.23
Lâminas de crista	4	1.00	0.26	—	—	—	—	—	—	4	0.26
Lamelas de crista	1	0.25	0.07	—	—	—	5	0.49	0.33	6	0.40
Lascas de crista	2	0.50	0.13	1	0.96	0.07	—	—	—	3	0.20
Flancos de núcleo	—	—	—	—	—	—	2	0.20	0.13	2	0.13
Tablettes	3	0.75	0.20	—	—	—	—	—	—	3	0.20
Microburis	1	0.25	0.07	—	—	—	8	0.79	0.53	9	0.59
Total	11	2.76	0.73	1	0.96	0.07	15	1.48	0.99	27	1.78
Utensílios	63	15.83	4.16	32	30.77	2.11	366	36.13	24.16	461	30.43
Total Geral	398	100.0	26.27	104	100	6.87	1013	100	66.87	1515	99.99

QUADRO 5
Forno da Telha: índices de transformação

SUPORTES	Brutos 1		Retocados 2		Total		IT
	N	%	N	%	N	%	%
Núcleo	69	6.75	1	0.22	70	4.72	1.43
Lasca	225	22.02	45	9.78	270	18.22	16.67
Lâmina	128	12.52	39	8.48	167	11.27	23.35
Lamelas	573	56.07	374	81.30	947	63.9	39.49
Preparação	27	2.64	1	0.22	28	1.89	0.04
Total	1022	100	460	100	1482	100	31.04

(1 – sem esquirolas; 2 – excluída uma peça cujo suporte é indeterminado).

Num total de 947 lamelas, 39% foram sujeitas a retoques e transformadas em utensílios, contra 23% das lâminas e 16% das lascas. Dada a natureza cronológica e cultural da jazida arqueológica em questão, é natural que a componente microlítica ocupe um lugar de destaque no seio do conjunto lítico. Dentro deste, são as peças geométricas, triângulos, trapézios e crescentes, as mais representativas em termos quantitativos, atingindo uma percentagem de 58% sobre o total da utensilagem.

Outro aspecto caracterizador desta estação é o facto de em 98% das peças ter sido utilizado o sílex como matéria-prima. Com efeito, num total de 1515 peças, apenas 27 foram obtidas a partir de outras rochas, como é o caso do quartzo hialino (20 peças), do quartzo (4 peças), do grés (2 peças) e por último do quartzito (1 peça). Deste conjunto, apenas uma peça foi transformada em utensílio. É igualmente de referir, acentuando mais uma vez a possibilidade de estarmos perante um universo lítico truncado, que é igualmente entre os materiais etiquetados “Forno da Telha” que mais bem representados estão os materiais confeccionados a partir de outras matérias primas que não o sílex.

QUADRO 6
Forno da Telha: tipologia dos utensílios.

UTENSÍLIOS RETOCADOS	Forno da Telha		Concheiro		FT - Alto das Bocas II		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Raspadeira sobre de lâmina	—	—	—	—	1	0.27	1	0.22
Raspadeira simp. sobre lasca	1	1.59	—	—	—	—	1	0.22
Raspadeira ogival	—	—	—	—	1	0.27	1	0.22
Raspadeira afocinhada	1	1.59	—	—	1	0.27	2	0.43
Raspadeira denticulada	—	—	—	—	2	0.55	2	0.43
Raspadeira carenada	1	1.59	—	—	1	0.27	2	0.43
Lasca denticulada	2	3.17	1	3.13	3	0.82	6	1.30
Lasca com entalhe	3	4.76	—	—	—	—	3	0.65
Lasca esp. com ret. parciais	3	4.76	—	—	12	3.28	15	3.25
Furador	1	1.59	2	6.25	1	0.27	4	0.87
Peça esquirolada	1	1.59	—	—	—	—	1	0.22
Lâmina com trunc. côncava	—	—	—	—	1	0.27	1	0.22
Lâmina com trunc. convexa	—	—	—	—	3	0.82	3	0.65
Lâmina com trunc. oblíqua	2	3.17	—	—	3	0.82	5	1.08
Lâmina retocada	5	7.94	2	6.25	12	3.28	19	4.12
Lâmina de dorso	1	1.59	—	—	3	0.82	4	0.87
Ponta de dorso curvo	—	—	—	—	1	0.27	1	0.22
Ponta de Ahrensbourg	—	—	—	—	1	0.27	1	0.22
Lamela em entalhe	3	4.76	1	3.13	2	0.55	6	1.30
Lamela com trunc. côncava	—	—	—	—	7	1.91	7	1.52
Lamela com trunc. transversal	—	—	—	—	1	0.27	1	0.22
Lamela com trunc. oblíqua	—	—	2	6.25	14	3.83	16	3.47
Lamela de bordo abatido	1	1.59	—	—	29	7.92	30	6.51
Lamela de bordo ab. arqueado	—	—	—	—	4	1.09	4	0.87
Lamela de b. abatido e trunc.	—	—	1	3.31	1	0.27	2	0.43
Lamela retocada	10	15.87	—	—	27	7.38	37	8.03
Pronta de retoque unilateral	1	1.59	—	—	3	0.82	4	0.87
Segmento	4	6.35	9	28.13	63	17.21	76	16.49
Triângulo	9	14.29	8	25.00	73	19.95	90	19.52
Trapézio	2	3.17	3	9.38	67	18.31	72	15.62
Fragmento de geométrico	5	7.94	2	6.25	20	5.46	27	5.86
Fragmento de peça	4	6.35	1	3.13	7	1.91	12	2.60
Diversos	3	4.76	—	—	2	0.55	5	1.08
TOTAL	63	100.00	32	100.00	366	100.00	461	100.0

Refira-se finalmente o facto de uma percentagem significativa das peças em sílex apresentarem vestígios da acção do fogo.

Os Núcleos

Como pode ser observado pelo quadro 7, os núcleos, num total de 69 peças, distribuem-se por 4 grupos tipológicos. Os núcleos prismáticos aparecem

em maioria, com uma percentagem de 59%, e serviram fundamentalmente para a debitagem de peças alongadas, sobretudo de lamelas. Se compararmos a forma como este grupo se distribui pelos três contextos, podemos igualmente constatar que são sempre os núcleos prismáticos os que aparecem mais bem representados. A maioria apresenta apenas um único plano de percussão.

Os núcleos informes aparecem em termos de representação em segundo lugar (excluindo os fragmentos), e caracterizam-se pelas suas reduzidas dimensões. São peças já completamente esgotadas, e poderão ter tido inicialmente formas prismáticas. Aliás, um aspecto comum aos núcleos existentes nos três contextos é a reduzida dimensão dos seus tamanhos e o facto de uma grande percentagem apresentar ainda vestígios de córtex. Este facto poderá estar relacionado com a utilização de nódulos de pequena dimensão. A matéria-prima utilizada foi sobretudo o sílex, existindo um único exemplar em quartzo e um outro em quartzo hialino.

Refira-se que apenas uma peça foi obtida a partir de um suporte nucleiforme. Trata-se de um pequeno “chopper” em quartzito.

QUADRO 7

Forno da Telha: tipologia dos núcleos

Tipos	Forno da Telha	Alto das Bocas II	F.T. Concheiro	TOTAL	%
Prismático	17	20	4	41	59.42
Informe	4	5	—	9	13.04
Discóide	—	5	—	5	7.25
Globuloso	—	—	1	1	1.45
Fragmentos	10	3	—	13	18.84
TOTAL	31	33	5	69	100

Material de Preparação

O material de preparação, composto pelas peças de crista, resíduos de manutenção de núcleo e técnica de microburil, é significativamente reduzido, contando apenas com 26 peças no total. Mais uma vez, este facto pode e deve estar relacionado com a forma como os materiais foram triados na altura em que se procedeu aos trabalhos arqueológicos. O aspecto mais interessante a referir no que diz respeito a este grupo tecnológico é a fraca representação da técnica de microburil, principalmente tendo em atenção o facto de se estar em presença de uma indústria dominada pela componente geométrica. Com efeito, nas jazidas arqueológicas conhecidas deste período, nomeadamente nos con-

cheiros de Muge e do Sado, este grupo de peças aparece com percentagens bastante mais elevadas, atingindo 11% e 14% nas camadas superiores de Moita do Sebastião e Cabeço da Amoreira, respectivamente⁷. Nos concheiros do Vale do Sado, os microburis estão igualmente bem representados, chegando mesmo a exceder, em Cabeço do Rebolador, o número de geométricos⁸. Em relação ao Forno da Telha, a reduzida percentagem de microburis poderá estar igualmente relacionada com a utilização de uma outra técnica para a obtenção dos tipos geométricos, como por exemplo a utilização da fractura simples seguida de retoque.

Foram apenas inventariados dois utensílios obtidos a partir de suportes de preparação. Trata-se de um entalhe e de um perfurador espesso, ambos sobre flanco de núcleo.

A Debitagem

Os resíduos de debitage do Forno da Telha são constituídos por 958 peças, equivalente a uma percentagem de 63% sobre o total das indústrias líticas. As lascas representam 24% destas 958 peças, as lâminas e lamelas 73% e as esquirolas 3%. Trata-se de uma debitage muito estandardizada, onde já poderá ter sido utilizada a percussão indirecta.

O grupo das lascas apresenta determinado tipo de características que são comuns aos três contextos. Em geral são peças relativamente espessas, apresentando a maioria vestígios de cortex, e parecem corresponder às fases iniciais de desgaste dos núcleos. Serviram fundamentalmente como suportes para a obtenção da utensilagem de fundo comum. Em relação às peças alongadas, lâminas e lamelas, a sua separação foi feita seguindo o critério do $\text{Comp.} \geq 2 \times \text{larg.}$ e $\text{larg.} \leq 12 \text{ mm}$. Porém, a diferenciação destes dois tipos de suporte é, no caso do Forno da Telha, puramente convencional, já que a distribuição das larguras é uma distribuição normal, unimodal, com cerca de 80% das peças apresentando larguras compreendidas entre os 0,6 e os 1,4 cm (gráfico 1).

As lâminas, num total de 128 peças (quadro 8), apresentam-se na maioria fragmentadas. São em geral peças estreitas, por vezes com uma debitage bastante regular, apresentando a maioria os bordos paralelos e secção trapezoidal. Tal como sucede nos outros grupos, o córtex está presente num grande número de peças. Como pode ser observado no quadro 5, o índice de transfor-

⁷ Roche, J., *L' Industrie Préhistorique du Cabeço d' Amoreira (Muge)*, Instituto para a Alta Cultura, Porto, 1951, p. 117.

⁸ Arnaud, J. M., *Os Concheiros Mesolíticos dos Vales do Tejo e Sado: Semelhanças e Diferenças*, "Arqueologia", nº 15, Porto, 1987, p. 58.

mação é mais elevado do que no grupo das lascas: 11% das peças laminares foram transformadas em utensílios, sobretudo em truncaturas, lâminas com retoques parciais ou totais num ou em ambos os bordos, e em armaduras macrolíticas.

QUADRO 8

Forno da Telha: resíduos de debitação - lâminas

Complexos	Inteiras	Proximais	Mesiais	Distais	TOTAL	%
Forno da Telha	16	15	3	5	39	30.47
A. Bocas II	23	27	15	12	77	60.16
F/T Concheiro	2	4	4	2	12	9.37
TOTAL	41	46	22	19	128	100

Como já foi anteriormente referido, o grupo das lamelas é o mais numeroso, quer no que diz respeito à debitação, em que representa 56% do material, quer no que diz respeito aos utensílios, onde representa 81% do total das peças retocadas. Tal como sucede com as lâminas, as lamelas encontram-se na maioria fracturadas (quadro 9). São peças com uma debitação bastante regular, de bordos paralelos, sendo a secção triangular a mais frequente. É sobretudo neste grupo de peças que a utilização da percussão indirecta é mais evidente. Em muitos dos exemplares são visíveis vestígios de córtex, e da acção do fogo. Apesar do sílex ter sido a matéria prima preferencialmente escolhida, existem peças talhadas noutras rochas, sobretudo em quartzo hialino e em quartzo.

Quadro 9

Forno da Telha: resíduos de debitação - lamelas

Complexos	Inteiras	Proximais	Mesiais	Distais	TOTAL	%
Forno da Telha	25	34	18	13	90	15.71
Alto Bocas II	112	164	100	66	442	77.14
F/T Concheiro	6	18	9	8	41	7.15
TOTAL	143	216	127	87	573	100.00

3. OS UTENSÍLIOS – ANÁLISE TIPOLÓGICA

Em termos gerais, e tal como já foi assinalado, o elevado índice de peças microlíticas, em particular do grupo dos geométricos, é o aspecto mais caracterizador desta indústria, o que explica por outro lado o facto de mais de 81%

dos utensílios terem sido obtidos a partir de suportes lamelares, como pode ser observado no quadro 5. O restante espólio é essencialmente composto por uma utensilagem de fundo comum pouco característica, quer do ponto de vista estilístico quer do ponto de vista tecnológico. Pelo contrário, é precisamente nas formas geométricas (triângulos, trapézios e crescentes), que se encontra uma grande variabilidade de sub-tipos.

Destes 475 utensílios, 24% estão etiquetadas como provenientes do “Alto da Bocas II”, 5% do “Forno da Telha” e 2% do “Concheiro”.

O estudo dos artefactos retocados será feito tomando a globalidade das peças dos três contextos, integradas em 4 grandes categorias tipológicas: utensilagem de fundo comum; armaduras macrolíticas; utensilagem microlítica; diversos.

Os materiais de cada uma destas unidades serão subdivididos por diferentes classes tipológicas, segundo as suas características morfológicas e técnicas, individualizando-se, sempre que se justifique, as peças que apresentem atributos específicos e/ou considerados excepcionais dentro de cada uma das classes consideradas. Para tal, foi fundamentalmente utilizada a lista-tipo de J.-G. Rozoy para o Epipaleolítico franco-belga⁹, adaptando, pontualmente, outros critérios de classificação considerados justificados na altura em que se procedeu à análise dos materiais.

1 - Utensilagem de Fundo Comum

Foram incluídas neste grupo as peças cujo fundo industrial é tradicionalmente considerado como característico dos complexos líticos do Paleolítico Superior. A fraca representação destes tipos no caso da estação do Forno da Telha encontra paralelos nas inúmeras estações deste período por toda a Europa. Com efeito, as estações do Mesolítico final caracterizam-se sobretudo pelo aparecimento em massa da componente geométrica, em detrimento da utensilagem de fundo comum.

Raspadeiras

Num total de 9 peças, este grupo representa apenas 2% do total de artefactos retocados. Como pode ser observado no quadro 6, as raspadeiras

⁹ Rozoy, J.-G., *Les Derniers Chasseurs. L'Epipaléolithique en France et en Belgique. Essai de Synthèse*, “Société Archéologique Champenoise”, Charleville, 1978 a; Rozoy, J.-G., *Typologie de L'Epipaléolithique (Mésolithique) Franco-Belge*, Bulletin de la Société Archéologique Champenoise (numéro spécial), Charleville, 1978 b.

distribuem-se por 6 tipos, cabendo a cada um apenas uma ou duas peças. Tendo em conta a natureza do suporte, foram distinguidas as peças obtidas a partir de lâmina ou lasca. Em relação ao primeiro caso, apenas foi inventariado um artefacto proveniente do contexto “Alto das Bocas II”. Trata-se de uma raspadeira dupla sobre lâmina alongada de sílex, parcialmente cortical na face superior. Os tipos obtidos a partir de lascas foram sub-divididos em: raspadeiras simples, raspadeiras ogivais, raspadeiras afocinhadas, raspadeiras denticuladas e raspadeiras carenadas. Importa salientar que todas estas peças utilizaram lascas relativamente espessas. Outro aspecto igualmente comum é o facto de a maioria apresentar frentes de raspadeira pouco definidas, associadas por vezes a retoques num dos bordos.

Lascas retocadas

Nesta categoria foram incluídos os denticulados, entalhes e peças com retoques parciais (quadro 6). Este grupo é relativamente homogéneo e caracteriza-se sobretudo pela utilização de suportes espessos. O retoque é maioritariamente directo, raramente afectando a totalidade do bordo. O tipo mais característico deste grupo são as lascas com retoques parciais num ou em ambos os bordos. São peças não padronizadas, de uso multivariado, e não se inscrevem nos tipos clássicos do Paleolítico Superior. A sua morfologia, de certa forma irregular, resulta da aplicação de um retoque claramente intencional, ou então de uma certa forma de utilização.

Furadores

Num total de 4 peças (quadro 6), este grupo caracteriza-se pela utilização de suportes espessos. Três exemplares foram obtidos a partir de lascas, duas parcialmente corticais na face superior, e um a partir de flanco de núcleo para lamelas. A ponta é obtida pela aplicação de um retoque directo em ambos os bordos, ou por retoque alterno, ou simplesmente pelo aproveitamento de um gume natural oposto a um bordo retocado.

Peças esquiroladas

Apenas foi inventariada uma peça deste grupo. Foi exumada na vala C do “Forno da Telha”, e foi obtida a partir de uma lasca espessa em sílex.

Lâminas retocadas

Foram integradas neste grupo as truncaturas, as peças de dorso, e um outro conjunto muito homogêneo, caracterizado pela presença de peças com retoques parciais num ou em ambos os bordos, conferindo-lhes geralmente uma silhueta irregular. A este conjunto, costuma ser atribuída a designação de “Lâminas e lamelas Montbani”.

As lâminas truncadas, num total de 9 peças, distribuem-se por três grupos: as truncaturas côncavas, com apenas um exemplar, as truncaturas convexas, com três exemplares, e as truncaturas oblíquas, com cinco exemplares. Na maioria, o retoque foi obtido a partir da extremidade distal da peça. Em relação às truncaturas convexas, elas entrariam, na lista tipo de Rozoy, no grupo das lâminas com retoques distais.

As lâminas ou facas de dorso, num total de 4 peças, caracterizam-se pela utilização de suportes laminares geralmente largos e espessos. O retoque, frequentemente abrupto, pode ser extensivo a um ou aos dois bordos da peça. No “Alto das Bocas II” foram exumados três exemplares: o primeiro, com fractura proximal, apresenta os dois bordos abatidos, sendo o esquerdo ligeiramente encurvado; a ponta é distal e poderia funcionar eventualmente como furador; o segundo exemplar, apresenta um retoque alterno caracterizado pela associação de um bordo abatido inversamente, com um bordo com traços de utilização; o terceiro, um fragmento mesial de lâmina, apresenta o bordo direito abatido por retoque abrupto. Nos materiais etiquetados “Forno da Telha” existe apenas um exemplar. Trata-se de um fragmento distal de lâmina, com o bordo direito abatido. As reduzidas dimensões do fragmento levam-nos a colocar algumas reservas quanto à sua tipologia.

O grupo das lâminas e lamelas “Montbani” (que aqui são tratadas conjuntamente)¹⁰ é caracterizado pela presença de peças com uma morfologia muito irregular, resultante quer da aplicação de um tipo de retoque geralmente semi-abrupto, parcial, raramente atingindo as extremidades dos suportes, quer de um determinado tipo de utilização. Estes artefactos podem apresentar-se sobre a forma de gumes entalhados, denticulados ou retocados, com vestígios mais ou menos vincados de utilização, mas sempre de contornos muito irregulares. No caso do Forno da Telha, estas peças aparecem como um grupo bastante homogêneo, com um peso considerável no conjunto da utensilagem (12%). A sua associação com indústrias de componente geométrica, sobretudo com os trapézios, é geralmente interpretada como indício de passagem para as formas de economia neolítica (Rozoy, 1978, p. 83).

¹⁰ O critério das larguras utilizado na separação das peças alongadas brutas, também não deixa de ser aqui, no caso das lâminas e lamelas Montbani, puramente formal.

2 - Armaduras macrolíticas

Este grupo é constituído apenas por duas peças. Uma ponta de dorso curvo sobre pequena lâmina de sílex (“Ponta azilense”), e uma ponta de espigão oposto a uma truncatura muito oblíqua, de tipologia idêntica às peças encontradas nas culturas do Tardi-glaciar do norte da Europa, designadas por pontas de “Ahrensbourg”.

3 - Utensilagem Microlítica

Lamelas com entalhe

Os entalhes considerados, num total de 6 peças, foram classificados tendo em atenção o carácter intencional, bem definido e bem localizado do retoque. Dentro deste grupo foram separadas as peças que apresentavam um entalhe imediatamente seguido por uma fractura - entalhes sob fractura - e as peças fracturadas no próprio entalhe. A maioria apresenta o retoque no bordo direito e a fractura é normalmente distal. As peças deste grupo são tradicionalmente consideradas como “preparações de microburis” e, particularmente no caso das lamelas fracturadas ao nível de um entalhe, como “microburis falhados” (Rozoy, 1978 b, p. 42).

Lamelas truncadas

As lamelas truncadas (quadro 10), num total de 24 peças, distribuem-se por três grupos distintos: as truncaturas côncavas (7 peças), transversais (1 peça) e oblíquas (16 peças).

Quadro 10

Forno da Telha: tipologia das truncaturas

Truncaturas	Inteiras		Fragmentos			TOTAL
	Proximal	Distal	Proximal	Distal	Ind.	
Côncava	—	3	—	—	4	7
Transversal	—	1	—	—	—	1
Oblíqua	2	3	4	2	5	16
TOTAL	2	7	4	2	9	24

A maioria das peças apresenta-se fracturada, sendo muitas vezes difícil de determinar qual a extremidade retocada dada a reduzida dimensão, principalmente no que diz respeito às larguras, destas peças. Por outro lado, foi extremamente difícil destrinçar das truncaturas, as peças que poderiam eventualmente corresponder a trapézios fracturados ou mesmo geométricos inacabados. O critério adoptado baseou-se nos tamanhos das lamelas, tomando como parâmetro estatístico as médias das medidas das pequenas bases dos trapézios inventariados. No caso das truncaturas, é possível verificar que a maioria apresenta os dois gumes, que corresponderiam às bases dos hipotéticos trapézios, demasiado grandes, mesmo tendo em conta o facto de se tratarem de lamelas fracturadas. No entanto, e apesar de sido contemplada esta preocupação, não é de excluir a hipótese da existência, no seio deste conjunto, de alguns exemplares de trapézios.

Lamelas de bordo abatido

As lamelas de bordo abatido encontram-se relativamente bem representadas, com uma percentagem de 8% sobre o total da utensilagem. Neste grupo foram incluídos igualmente os tipos que associam o bordo abatido a uma truncatura. No conjunto, são peças extremamente estreitas, com larguras que variam entre os 0,4 e os 0,8 cm, caracterizadas por um retoque muito abrupto, regular e rectilíneo. Algumas destas peças apresentam um bordo abatido muito marginal, não chegando a possuir contudo as características das lamelas “bordée” definidas por Rozoy. A maioria apresenta uma ou ambas as extremidades fracturadas, o que é compatível com as suas reduzidas dimensões, sobretudo das espessuras. No caso das lamelas com o bordo abatido arqueado (num total de 4 peças), foi igualmente difícil decidir sobre a sua inclusão nas peças de bordo abatido, ou dentro dos crescentes ou segmentos assimétricos. Com efeito, sob o ponto de vista morfológico e mesmo funcional, estes dois grupos podem ser considerados idênticos. O único critério utilizado, que não deixa de ser puramente formal, foi o da presença/ausência de bolbo, como elemento diferenciador entre lamelas de dorso arqueado e crescentes, respectivamente¹¹. As lamelas de bordo abatido e truncatura apenas estão representadas por duas peças, ambas com o bordo esquerdo abatido, sendo a truncatura transversal distal.

¹¹ Não é de excluir no entanto a hipótese de se estar em presença de peças inacabadas.

4 - Armaduras microlíticas

Apenas foram inventariados neste grupo 4 armaduras de base não retocada, correspondentes a pontas de retoque unilateral. São peças caracterizadas pela presença de um bordo abatido, interceptado pelo bordo oposto, bruto, formando uma ponta muito aguda. Em três exemplares foi retocado o bordo direito, e num exemplar o bordo esquerdo. Como pode ser observado no quadro 11, onde são apresentadas as lateralizações das lamelas e pontas de dorso, verifica-se que o bordo direito é o que aparece mais frequentemente retocado, não sendo no entanto muito significativa a diferença.

Quadro 11

Forno da Telha: lateralização das lamelas e pontas de dorso.

LAMELAS	Bordo Direito	Bordo Esquerdo	Indeterminado
Inteira	9	5	—
Proximal	2	6	—
Mesial	2	1	5
Distal	6	3	1
TOTAL	19	15	6

5 - Geométricos

Num total de 265 peças, os micrólitos geométricos aparecem como o grupo mais bem representado dentro do conjunto dos objectos retocados, com percentagens da ordem dos 57%. Segundo as suas características tipológicas, foram estabelecidos diferentes sub-tipos, dentro de cada uma das categorias: crescentes, triângulos e trapézios (quadro 12). São armaduras microlíticas obtidas a partir de lamelas, geralmente de secção triangular, muito estreitas e finas, apresentando frequentemente os bordos não retocados muito irregulares e desgastadas, resultantes provavelmente da sua forte utilização. Os geométricos do Forno da Telha são sobretudo caracterizados pela presença de truncaturas côncavas. No fabrico destas peças, foi exclusivamente utilizado o sílex como matéria prima.

Crescentes

No Forno da Telha este grupo aparece em termos de representação numérica em segundo lugar, com 76 objectos inventariados, e distribuídos por três sub-tipos

diferentes: segmentos de círculo simétricos, os segmentos de círculo assimétricos e as meias-luas. As formas simétricas são as mais frequentes (70%), seguidos pelos segmentos assimétricos (26%), e por último as meias-luas (4%) que são peças largas, obtidas a partir de suportes laminares relativamente espessos.

Quadro 12

Forno da Telha: tipologia dos geométricos.

GEOMÉTRICOS	F. da Telha	Concheiro	Alto Bocas II	TOTAL
Segmento de círculo simétrico	2	5	46	53
Segmento de círculo assimétrico	2	4	14	20
Meia - lua	—	—	3	3
TOTAL	4	9	63	76
Triângulo escaleno regular	1	1	6	8
Triângulo escaleno irregular	1	2	6	9
Triângulo escaleno alongado	—	—	1	1
Triângulo escaleno alongado com a pequena truncatura curta	—	—	1	1
Triângulo escaleno com a pequena truncatura côncava	—	2	2	4
Triângulo escaleno com a grande truncatura côncava	—	—	2	2
Triângulo de Muge	5	3	34	42
Triângulo de Muge alongado	—	—	2	2
Triângulo isósceles	2	—	7	9
Triângulo isósceles alongado	—	—	1	1
Fragmentos de triângulo	—	—	11	11
TOTAL	9	8	73	90
Trapézio assimétrico com a grande truncatura curta	—	—	7	7
Trapézio assimétrico com a grande truncatura côncava	—	—	5	5
Trapézio ass. com a pequena truncatura côncava e a grande truncatura rectilínea	—	—	4	4
Trapézio de «Vielle»	—	—	1	1
Trapézio assimétrico com as duas truncaturas côncavas	—	1	34	35
Trapézio assimétrico com a pequena base retocada	—	2	—	2
Trapézio simétrico com as duas truncaturas rectilíneas	—	—	3	3
Trapézio simétrico com as duas truncaturas côncavas	—	—	9	9
Fragmentos de trapézio	2	—	4	6
TOTAL	2	3	67	72
Fragmentos de geométricos	5	2	20	27
Micrólitos geométricos inacabados	—	—	2	2

Triângulos

Os triângulos são os tipos mais bem representadas dentro do grupo dos geométricos. Foram sub-divididos por 10 classes diferentes, conforme as suas características tipológicas, definidas sobretudo a partir das dimensões e morfologia das truncaturas. Os triângulos de Muge, caracterizados pela presença de uma espinha dorsal, representam mais de 50% do total dos triângulos, sendo a sua maioria (70%) escalenos e com ambas as truncaturas côncavas (86%) (quadro 13).

Quadro 13

Forno da Telha: tipologia dos triângulos de Muge

Tipos	Isósceles	Escaleno
Triângulo com as duas truncaturas côncavas e espinha saliente	11	27
Triângulo com a grande truncatura côncava e espinha saliente	2	4
Total	13	31

Trapézios

Com um total de 72 peças, este grupo foi subdividido por 8 classes distintas, consoante as características e morfologia das truncaturas. São na maioria trapézios assimétricos (82%), e caracterizam-se pela presença de truncaturas geralmente côncavas (em 80% dos casos uma das truncaturas é côncava e em 67% dos casos são-no ambas). Os trapézios inventariados nesta jazida apresentam geralmente dimensões muito reduzidas.

6 - Diversos

Foram aqui incluídos fragmentos de artefactos retocadas, cujo grau de fractura não permite reconhecer nem o suporte nem a morfologia da peça; um outro grupo de utensílios cujas características não estavam contempladas em nenhuma das categorias tipológicas anteriormente analisadas, e às quais foi atribuída a designação de flechas transversais, e um terceiro grupo de peças, muito particulares, que parecem corresponder a micrólitos geométricos inacabados.

Em relação às peças designadas por flechas transversais, elas encontram paralelos nas “flèche à tranchant transversal” conhecidas nas indústrias do Mesolítico

final europeu. São peças que se caracterizam pela utilização do retoque alterno, e pela sua forma trapezoidal e simétrica. Normalmente é utilizado um suporte espesso, geralmente uma lâmina, onde são frequentemente visíveis vestígios do talão. No Forno da Telha foram recuperados dois exemplares.

As 2 peças consideradas como micrólitos geométricos inacabados correspondem a pequenas lamelas com bolbo ainda conservado que associam, num caso, uma truncatura oblíqua a um entalhe bem definido, ambos realizados a partir do mesmo bordo e, noutro caso, um entalhe a um ápice triédrico.

4. AS INDÚSTRIAS DAS CAMADAS 3 E 4 DO FORNO DA TELHA

Como foi referido na introdução deste trabalho, para além dos materiais agora analisados, encontravam-se igualmente depositados nas reservas do MNA duas caixas que continham artefactos provenientes, segundo as indicações contidas nas etiquetas, das camadas 3 e 4 do Forno da Telha (quadro 14).

Para além dos artefactos líticos, encontravam-se ainda dois fragmentos de cerâmica, entre os quais um bordo, de pasta sub-compacta e cor castanho-avermelhado, provenientes da camada 3, e dois fragmentos de osso, um canino de javali, um gasterópode (*Thais ormigera*), algumas conchas de berbigão (*Cerastoderma edule*), de lapa (*Patella sp.*) e ameijoia (*Ruditapes decussata*), provenientes da camada 4.

Em relação à camada 3, o estudo dos materiais líticos não revelou a existência de quaisquer diferenças em relação aos materiais provenientes da 2ª camada. Com efeito, a debitação, que se caracteriza igualmente pela presença de lascas não padronizadas, relativamente espessas, apresentando em grande percentagem vestígios de cortex, e a utensilagem, onde apenas foram inventariados dois trapézios, ambos com as truncaturas côncavas (um simétrico e outro assimétrico), são perfeitamente compatíveis com os materiais exumados na 2ª camada do “Forno da Telha”, e com os materiais provenientes do “Concheiro” e do “Alto das Bocas II”. Os núcleos, 2 prismáticos, 2 fragmentos e um discóide, apresentam negativos da debitação de lamelas, encontrando-se a maioria já muito esgotados. Em relação aos dois fragmentos de cerâmica, não existem quaisquer dúvidas quanto à sua incorrecta associação com os materiais provenientes da 3ª camada. Com efeito, este facto deve estar relacionado com alguma mistura ocorrida no próprio Museu, ou mesmo durante a escavação. É de salientar que estas duas peças apresentam vestígios de uma ganga avermelhada, tal como acontece com os materiais provenientes da 1ª camada.

Apesar da exiguidade da amostra, a camada 4 não revelou igualmente diferenças em relação aos materiais da camada 2. Os utensílios inscrevem-se

dentro dos mesmos tipos, sendo de assinalar a presença de uma lâmina “Montbani”, e de duas lascas retocadas, um denticulado e uma peça com retoques parciais.

Esta análise sumária não exclui contudo a possibilidade de terem sido correctamente estabelecidas duas unidades estratigráficas distintas, na altura em que se procedeu aos trabalhos de escavação nesta estação arqueológica. No entanto, a exiguidade da amostra e a inexistência de outro tipo de informações, não nos permitem ir mais longe.

Foi enviado um fragmento de osso proveniente da 3ª camada para ser submetido a uma datação por C 14, mas sem quaisquer resultados, já que a amostra não possuía colagénio suficiente.

Quadro 14

Forno da Telha: inventário do espólio lítico das camadas 3 e 4

Inventário	3ª Camada		4ª Camada	
	Vala E	S/Indicação	Vala C	Vala D
Núcleo	1	5	2	—
Lasca	1	34	5	7
Lâmina	1	1	—	—
Lamela	—	5	1	—
Esquirola	2	14	1	2
Denticulado	—	—	1	—
Lasca retocada	—	—	1	—
Lâmina retocada	—	—	—	1
Lamela truncada	—	1	—	—
Geométrico	—	2	—	—
TOTAL	5	62	11	10

Paralelos e conclusões

A história das comunidades humanas do Pós-glaciar em Portugal, pode, aparentemente, ser dividida em duas fases distintas. Da primeira fase, são actualmente conhecidos diversos sítios datados do Pré-Boreal e Boreal, localizados geralmente junto às actuais linhas de costa, com datas de radiocarbono que se situam entre 9500 e 8000 BP, aproximadamente. Estes locais caracterizam-se, sobretudo, pela presença de uma cultura material de tradição paleolítica, dominada por pequenas raspadeiras, lamelas de dorso e alguns buris, associada por vezes a conjuntos macrolíticos, como é o caso das indústrias sobre seixos talhados do Languedocense e fácies dele derivados. Os concheiros desta fase, igualmente localizadas junto ao litoral, apresentam uma componente industrial pobre, e sobretudo muito caracte-

rística, devido provavelmente ao facto de muitas terem sido apenas muito parcialmente escavadas. A descoberta de novas jazidas situadas mais para o interior, como é o caso da Gruta do Casal do Papagaio¹², perto de Fátima, e a estação de ar livre do Areeiro III, em Rio Maior, ambas datadas do Pré-Boreal ou do Boreal, fazem alargar o leque das estações conhecidas para este período e em regiões julgadas tradicionalmente periféricas aos territórios de exploração destas comunidades humanas do início do Holoceno. Por outro lado, a presença de conchas marinhas e estuarinas contidas nos depósitos arqueológicos da Gruta do Casal do Papagaio, situada a 35 Km do mar e a cerca de 400 metros de altitude, abrem novas perspectivas no estudo de economias subsistência aparentemente alternativas e/ou complementares¹³.

Na segunda fase, que podemos situar cronologicamente entre 8000 e 6000 BP, a maioria das estações situa-se ao longo dos antigos estuários, como é o caso dos conhecidos concheiros de Muge e do Sado, e caracteriza-se sobretudo pela presença de uma população lítica essencialmente composta por micrólitos geométricos. A presença de restos faunísticos de espécies terrestres, associadas a uma rica e variada gama de moluscos, dominados pelas espécies estuarinas, parecem evidenciar um tipo de subsistência baseada na exploração de diferentes e variados recursos naturais. A este tipo de economia de “largo espectro” poderá estar associada a proliferação dos tipos geométricos, como elementos de utensílios “compósitos” de uso multi-variado¹⁴.

A estação do Forno da Telha, que podemos incluir dentro desta segunda fase, é contemporânea das fases de formação dos concheiros de Muge. Recentes datações obtidas para o Cabeço da Amoreira, Cabeço da Arruda e Moita do Sebastião, forneceram valores compreendidos entre 6000 e 5000 cal BC¹⁵, permitindo ao mesmo tempo obter uma nova sequência cronológica, caracterizada pela existência, entre os três concheiros, de prolongadas e importantes sobreposições de ocupação. As datações obtidas para o nível Mesolítico do Forno da Telha são perfeitamente compatíveis com estes resultados, como pode ser observado pela média das fracções intermédia e interna das conchas, que forneceu um resultado de 6078-5740 cal BC e 6170-5630 cal BC, para um e dois sigma respectivamente.

¹² Arnaud, J.M., Bento, J.D.A., *Caracterização da ocupação Pré-histórica da Gruta do Casal Papagaio (Fátima-Vila Nova de Ourém)*, “Algar”, 2, Lisboa, 1988, p. 27-34.

¹³ Zilhão, J., *Le Processus de Neolithisation dans le Centre du Portugal*, in “Rubané et Cardial”, E.R.A.U.L., 39, Liège, 1990, p. 454-456.

¹⁴ Clark, D., *Mesolithic Europe: The Economic Basis*, in “Problems in Economic and Social Archaeology”, London, 1976, p. 457; Clark, J. G. D., *Mesolithic Prelude*, University of Edinburgh Press, Edinburgh, 1980, p. 46-48.

¹⁵ Lubell, D., Jackes, M., *Portuguese Mesolithic-Neolithic Subsistence and Settlement*, “Rivista di Antropologia”, suplemento del vol. LXVI, Roma, 1988, p. 231-248.

Também no que diz respeito ao espólio lítico, são nítidas as semelhanças entre o Forno da Telha e o Cabeço da Amoreira, ambos os sítios caracterizados pela presença dos típicos triângulos com espinha dorsal. Apesar de não ser possível controlar o grau de representatividade dos materiais recuperados no Forno da Telha, procurou-se de qualquer forma estabelecer um quadro comparativo entre este sítio e o concheiro do Cabeço da Amoreira.

Em relação aos materiais debitados, as observações feitas por Jean Roche ajustam-se perfeitamente ao Forno da Telha. Em ambas as estações se está em presença de uma debitage tendo sobretudo em vista o fabrico de micrólitos. Os utensílios, que se apresentam com proporções muito semelhantes (32% no Cabeço da Amoreira e 30% no Forno da Telha), caracterizam-se pela presença de grupos tipológicos onde a componente microlítica é igualmente dominante, em detrimento da utensilagem de fundo comum. Para só dar alguns exemplos, o grupo das raspadeiras está apenas representado em ambos os casos por uma percentagem de 2%, estando o grupo dos buris completamente ausente. Em relação às lamelas de dorso e lamelas de dorso e truncatura, também se verifica uma grande uniformidade (6% do Cabeço da Amoreira e 8% no Forno da Telha). As diferenças existentes são pontuais, e não têm grande significado no conjunto dos materiais. Com efeito, as proporções variam mais em função da forma como os materiais foram triados e analisados, como é o caso das lamelas retocadas e das lamelas com entalhe que, no caso do Forno da Telha, foram parcialmente incluídas nas lâminas e lamelas Montbani, do que em diferenças de carácter técnico ou tipológico. Em relação aos tipos geométricos, enquanto que no Forno da Telha a sua representação se distribui pelos diferentes tipos de uma forma equilibrada, no Cabeço da Amoreira assistimos a uma preponderância quase total do grupo dos triângulos em detrimento dos trapézios e segmentos. Esta diferença serviu de base na argumentação dada por Jean Roche quanto às fases de ocupação dos três concheiros por ele escavados. Com efeito, as diferentes proporções com que os tipos geométricos apareciam representados de concheiro a concheiro, encontrava paralelos nos resultados das datações de radiocarbono obtidas para cada estação, numa sequência que partia com Moita do Sebastião (dominada pelos trapézios) a representar o início da ocupação mesolítica em Muge, seguido do Cabeço da Amoreira (dominada pelos triângulos), e por fim o Cabeço da Arruda. As novas datações obtidas para este conjunto de concheiros e que indicam como já dissemos importantes sobreposições de ocupação, não podem explicar actualmente as diferenças tipológicas que na realidade parecem existir entre Moita do Sebastião e o Cabeço da Amoreira. Elas terão que ser explicadas com base noutra tipo de argumentos, um pouco à luz do que tem sido feito recentemente em relação aos concheiros do vale do Sado, cujos estudos, de natureza paleo-económica, permitiram já parcialmente

explicar algumas das diferenças existentes na cultura material entre os vários concheiros¹⁶.

A localização do Forno da Telha, no interior de uma região onde até ao momento eram desconhecidas estações datadas do Atlântico e caracterizadas por uma cultura material de componente geométrica associada a conchas de moluscos de espécies estuarinas e a restos faunísticos de espécies não domesticadas, levam-nos a considerar a existência de um amplo território explorado, onde a componente litoral jogaria ainda um papel importante na dieta alimentar destas comunidades humanas.

¹⁶ Arnaud, J. M., *op. cit*

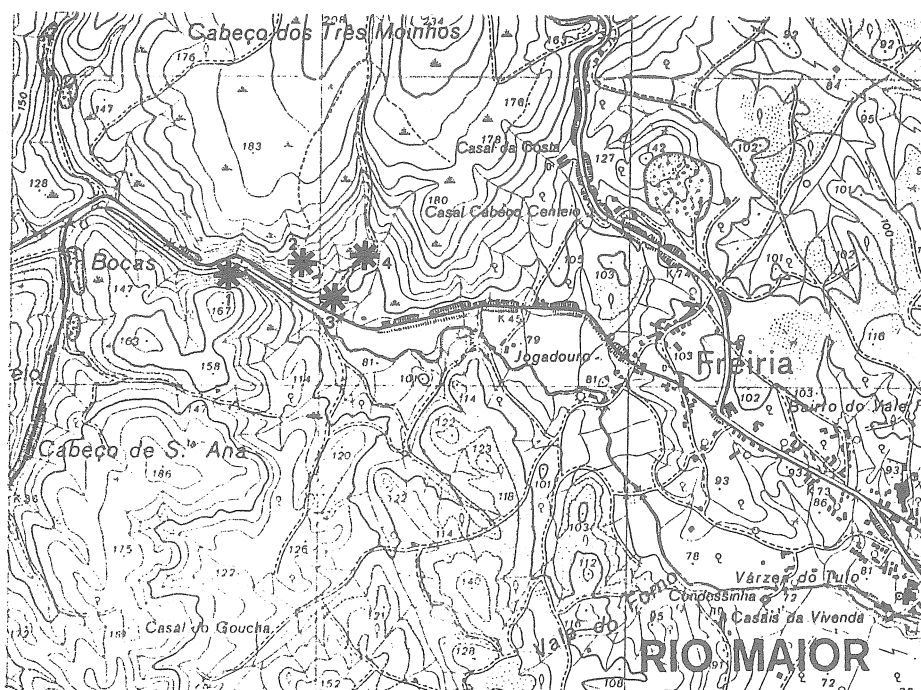


Fig. 1 — Localização das estações do Abrigo Grande das Bocas (1), Povoado do Alto das Bocas (2), Forno da Telha (3) e Curral Velho (4), na Carta Militar de Portugal nº 339 (1970) dos Serviços Cartográficos do Exército.

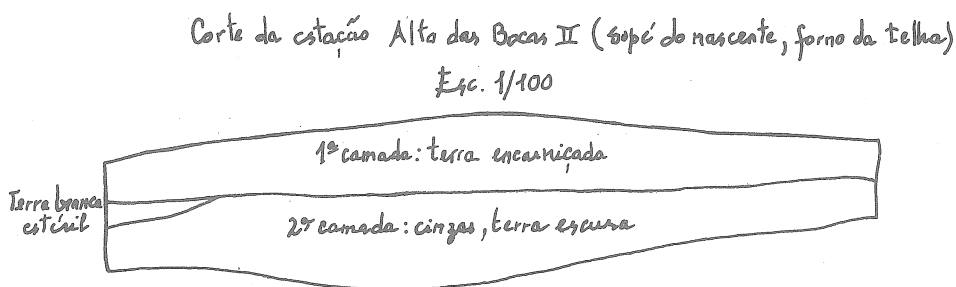
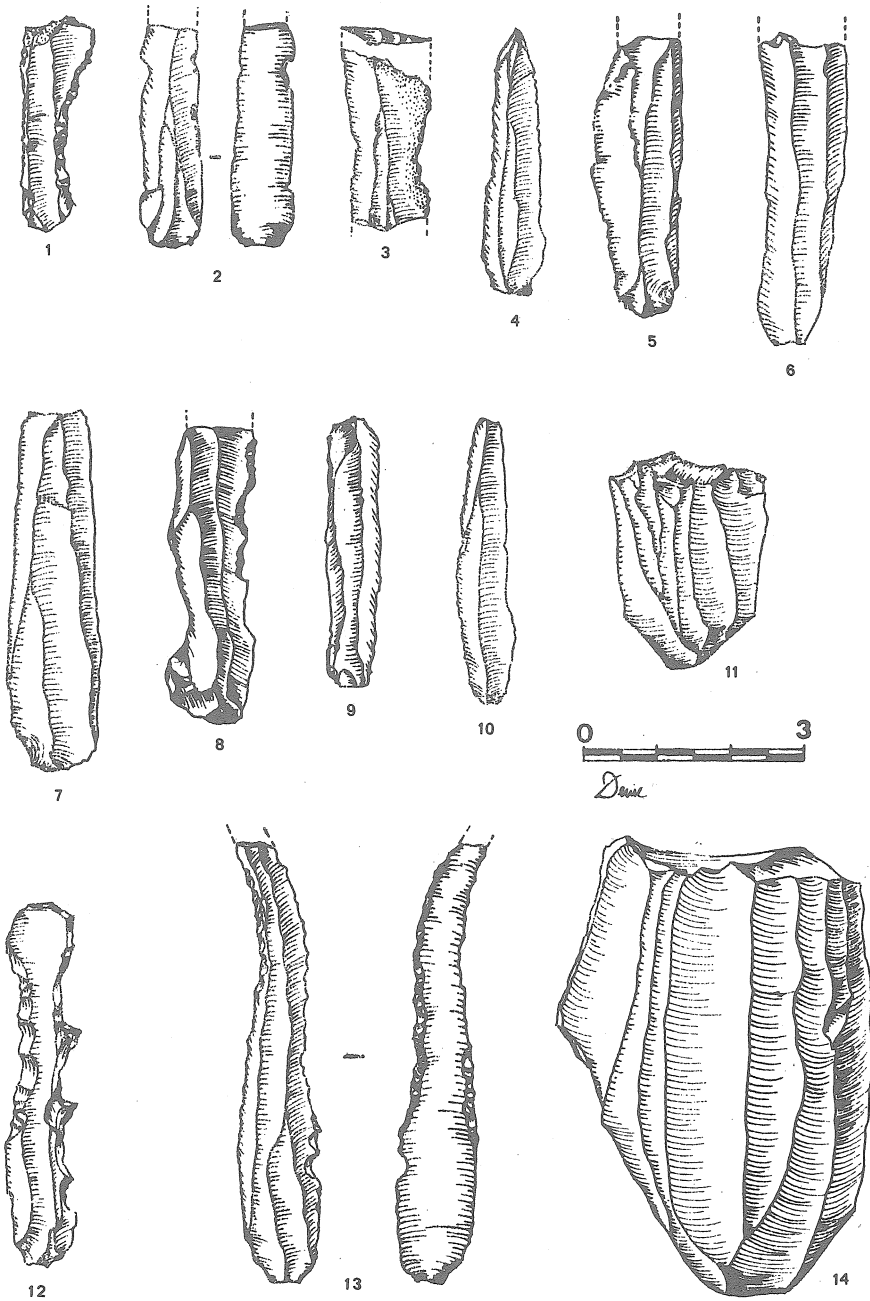
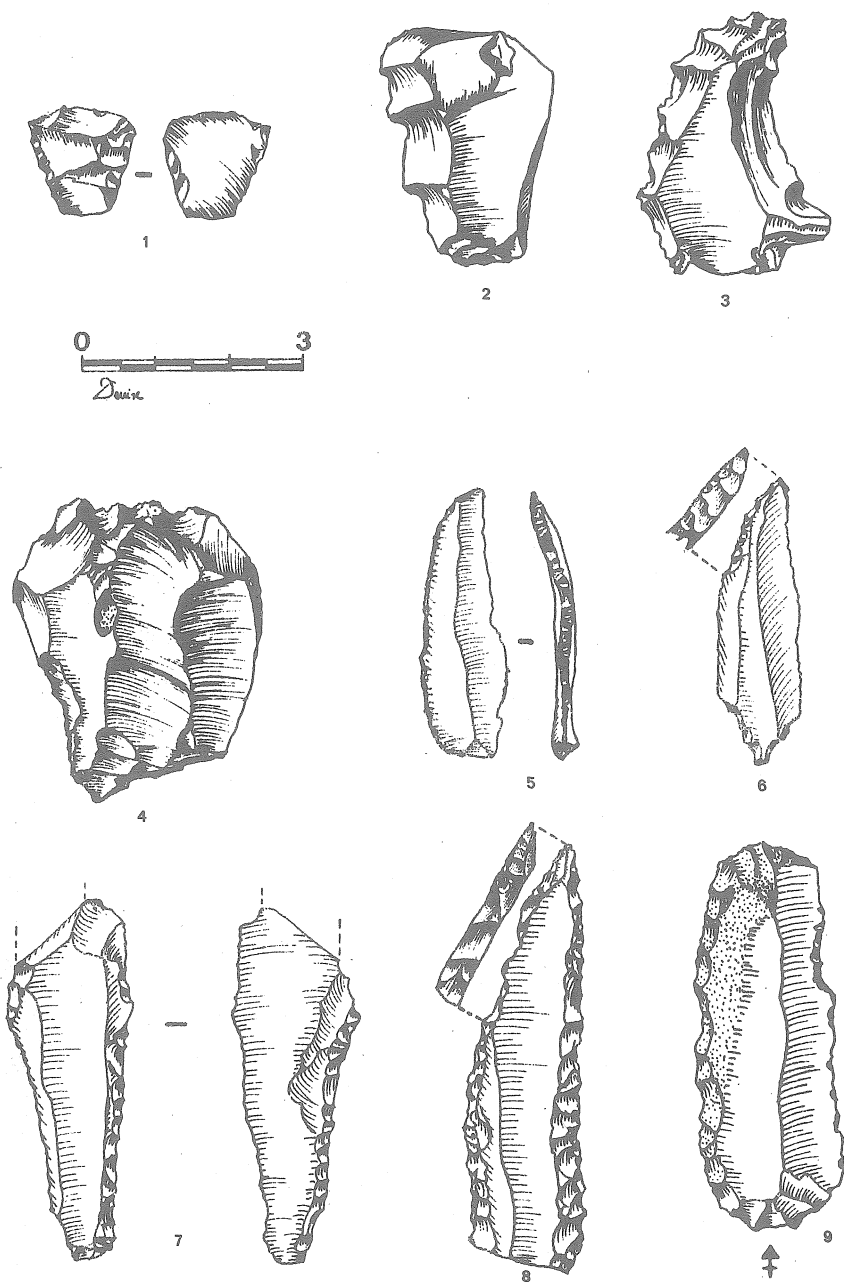


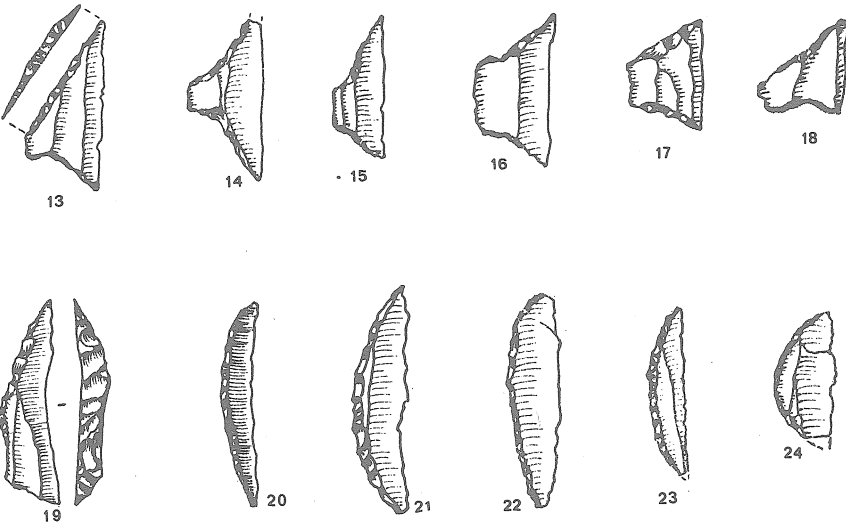
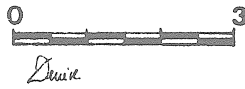
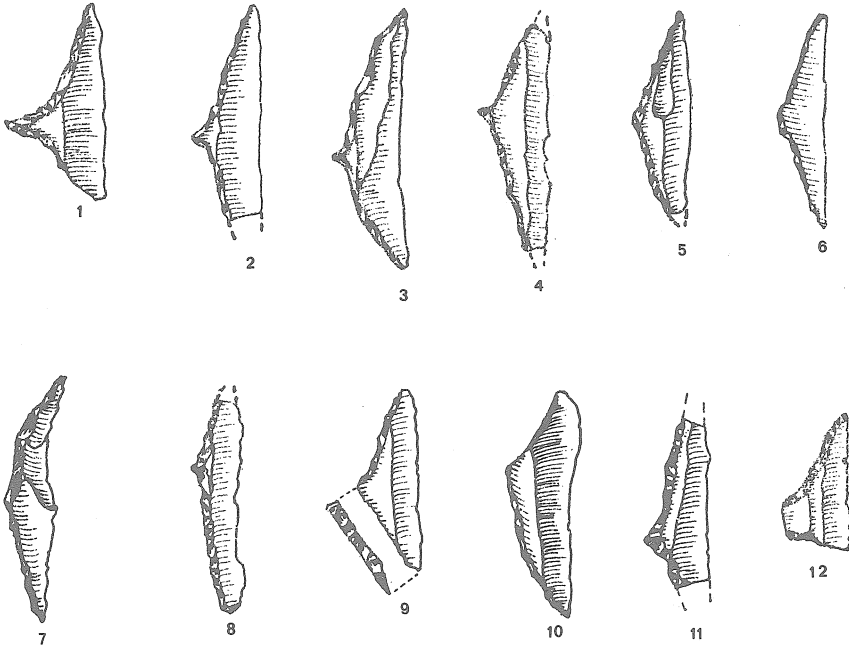
Fig. 2 — Reprodução do corte estratigráfico da Estação do Forno da Telha (redução de 62% a partir do original de Manuel Heleno)



1, 8, 12 e 13 — lâminas e lamelas Montbani; 2 — entalhe sob fractura de lamela;
 3 — lâmina com truncatura oblíqua; 4 a 7, 9 e 10 — lâminas e lamelas;
 11 e 14 — núcleos prismáticos.



1 — Ponta de flecha transversal; 2 e 3 — lascas denticuladas; 4 — raspadeira denticulada; 5 — ponta de dorso curvo; 6 — ponta de "Ahrensbourg"; 7 e 8 — facas de dorso; 9 — raspadeira dupla sobre lâmina.



1 a 11 — Triângulos; 12 a 19 — trapézios; 20 a 24 — segmentos.

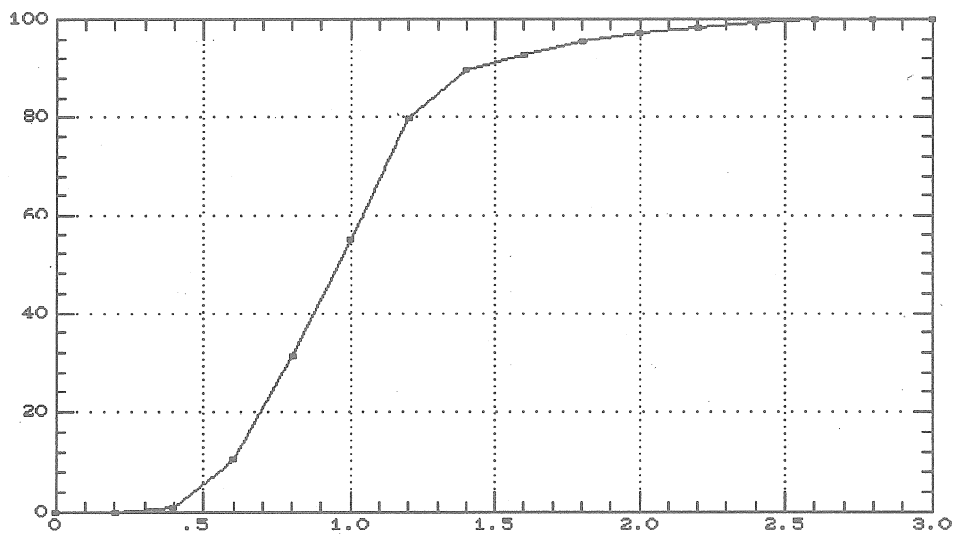


Gráfico 1 — Polígono de frequências relativas acumuladas da largura (cm) das lâminas e lamelas.